

# CINEMA E HISTÓRIA: REFLEXÕES A PARTIR DA SALA DE AULA

## MOVIE AND HISTORY: CONSIDERATIONS FROM CLASSROOM

Rafael Hansen Quinsani\*

### RESUMO

A introdução do cinema como fonte e objeto de pesquisa para o historiador também apresenta conseqüências no trabalho do professor de história, como por exemplo, uma melhor contextualização e o uso de uma linguagem mais atrativa. Partindo de experiências realizadas em sala de aula com a aplicação de um questionário, buscou-se refletir sobre as possibilidades de utilização do cinema e sobre a relação ensino-pesquisa no fazer historiográfico.

PALAVRAS-CHAVE: História e cinema; ensino; metodologia.

### ABSTRACT

The introduction of movie as research source for the historian also interferes in the work of the history teacher, for example, a better contextualization and the use of a more attractive language. Building on experiences in classroom with the application of a questionnaire, aimed to think about possibilities of movie utilization and about the relation education-research in historiographical doing.

KEYWORDS: History and movies; education; methodology

Nos últimos anos intensificou-se o uso do cinema na sala de aula. Diversas disciplinas utilizam este recurso e a disciplina de História apresenta alguns elementos que o tornam peculiares e possibilitam uma reflexão que o conecta com o modo de trabalho do historiador, do seu fazer historiográfico.

---

\* Licenciado em História – UFRGS

Este trabalho teve sua gestação iniciada a partir de questionamentos pessoais e de experiências em sala de aula. No primeiro semestre de 2006, durante a realização da disciplina de Didática Geral na UFRGS, foram realizadas observações em turmas do 2º ano do Ensino Médio de uma escola estadual em Porto Alegre. Somada a estas observações foi aplicado um questionário que abordava diversos aspectos sócio-econômicos e continha uma página dedicada a temática cinema e história. No segundo semestre durante a execução da disciplina de Prática em História, antes de iniciar as aulas, resolvi aplicar o questionário para as turmas que assumiria. Momentâneo a isso, na disciplina de História Contemporânea III do curso de História UFRGS, surgiu o convite do professor Enrique Serra Padrós de organizar um CD contendo análises e possibilidades de usos didáticos para filmes que enfocavam a história contemporânea a partir da segunda metade do século XX. As experiências acumuladas na sala de aula, a organização do CD e as leituras concomitantes tem como resultado uma reflexão sobre o uso deste recurso tão em voga, que se coloca como mais uma possibilidade e sugestão de trabalho.

A partir dos dados levantados verificou-se que o acesso a filmes dentro de casa é amplo, pois mais de 80 % dos alunos possuem DVD e 70 % vídeo-cassete. Quase 70 % dos entrevistados freqüentam o cinema pelo menos uma vez por semana, o que indica 4 idas no mês e 48 por ano, um numero considerável se levarmos em conta o alto preço dos ingressos mesmo para a classe média e classe média baixa. Contudo, 60 % dos entrevistados assistem entre 1 e 5 filmes por semana, o que indica que esta complementação é executada pelas vídeo - locadoras e pela televisão. As respostas para qual o último filme assistido corroboram isso, pois esses filmes foram exibidos na programação da semana em que foi realizado o questionário. Assim verifica-se a ampla penetração do cinema no cotidiano e no preenchimento de espaços de atividades dos alunos.

Dos filmes associados à história do Brasil apontados pelos alunos no questionário, 9 entre 10 foram produzidos pelas Organizações Globo, e isto insere um enfoque e uma visão específica, marcada pelos seus elementos ideológicos e objetivos mercadológicos. Sua linguagem e estética estão associadas às telenovelas e a grande abrangência desses filmes se enquadra nesse processo. Contudo, seu aproveitamento não deve ser descartado, pois como os dados apontam eles estão presentes no cotidiano dos alunos.

Do ponto de vista dos alunos, o uso do cinema na sala de aula apresenta uma série de positivities: “mais fácil de aprender”; “um meio de lazer na escola”; “mais marcante”; “menos chata”; “mais interessante”; “diverte e ensina”; “de mais fácil memorização”; “uma forma de sair da monotonia”; “mais dinâmico”; “mais empolgante”; “além de explicar a história pode mostrar os fatos”; “uma forma de não ficar só nos textos”; etc.

Todavia, nas observações efetuadas percebe-se que o cinema vem sendo utilizado como modo ilustrador do conteúdo, não fazendo parte dele de uma forma mais densa. Mais de 90 % dos alunos indicaram que já assistiram um filme em sala de aula. Mas ao serem questionados se os professores utilizam o cinema como exemplo, mais de 30 % indicou que não. Deve-se considerar o fator subjetivo no que tange a conceituação de exemplo para cada aluno que respondeu. Mas a diferença considerável entre as duas questões sinaliza os elementos indicados. Soma-se a isso um exemplo verificado durante as observações. Quando um aluno apresentava o texto, durante o seminário, que abordava a industrialização da sociedade capitalista, ele fez referência ao filme Tempos Modernos, de Charles Chaplin. O professor perguntou aos alunos se alguém já havia assistido a esse filme. Somente o aluno que apresentava o trabalho respondeu positivamente. As observações sobre o filme pararam ali e retornou-se ao conteúdo. A inserção de um filme como exemplo partiu de um aluno, mas o professor não foi mais além, exemplificando por que Chaplin fez um filme com esse tema em 1936, suas implicações na época (grande depressão), suas implicações atuais (era tecnológica), sua estética e importância para apontar alguns exemplos. Partindo desses dados coletados torna-se importante identificar a inserção do cinema como fonte para o historiador antes de abordar algumas possibilidades de uso em sala de aula.

Ao longo do século XX o cinema revolucionou o entretenimento coletivo e se constituiu como modo de expressão artístico por excelência. Na sua breve existência, mas devido à sua grande expansão, criou um público interado e familiarizado que, aos poucos, se dotou (e foi dotado) de uma sensibilidade e percepção aos códigos artísticos. Estes elementos, contudo, foram condicionados pelas estruturas sociais e políticas, não sendo de todo aparentes.

O cinema encontrou dificuldades para ser aceito como fonte pelo historiador, devido à caracterização e qualificação destas, bem como de seu despreparo para analisá-las. Somente

com a abertura metodológica proporcionada pela *Escola dos Annales* é que seu status começou a se alterar e, mesmo assim, tardiamente. Na década de 1970, com a publicação do texto de Marc Ferro - O filme: uma contra análise da sociedade? -, é que começamos a inseri-lo e pensá-lo dentro dos códigos historiográficos. Notoriamente, nos últimos anos ocorreu um maior volume de pesquisas, intensificando-se o uso do cinema pelo historiador/professor. Sua penetração na sala de aula ocorreu em uma escala ascendente, mas as reflexões em torno de seus métodos, suas possibilidades de abrangência e formas de utilização não acompanharam este ritmo. Assim, a realização deste trabalho busca levantar algumas questões e sugerir alguns apontamentos para o uso do cinema pelo professor/historiador, constituindo-se numa ferramenta de consulta para o desenvolvimento de atividades ligadas ao tema.

Com as grandes transformações tecnológicas surgidas após a II Revolução Industrial, a invenção do cinematógrafo permitiu ao ser humano que este se retratasse, possibilitando a preservação da sua imagem, passando esta a expressar uma nova forma de visualizar o mundo e de ordená-lo. Com as transformações ocorrendo cada vez mais rápido, o poder da imagem se constituiu cada vez mais como a janela para um mundo temporalmente extinto e que agregava diferentes instâncias de tempo, entrecruzando passado, presente e futuro (ROSSINI:1999;16). O cinema se constituiu, então, no grande arquivo e memória do nosso tempo. No século XIX, a razão servia de padrão predominante para os critérios eleitos como determinantes: a objetividade e a cientificidade. Esta configuração marcava também a seleção das fontes, e aquelas que traziam elementos artísticos ou de sensibilidade, em sua maioria, eram descartadas.

No início de sua existência, o cinema não se inseria como fonte para o historiador devido a diversos entraves: o não enquadramento dentro dos parâmetros de objetividade e razão, o preconceito cultural devido ao caráter popular que o cinema adquiriu inicialmente, e a complexidade da imagem e das categorias a serem empregadas no seu estudo (ROSSINI:1999;45).

Duas mudanças ocorrem após a década de 1960: a alteração do estatuto social do cineasta promovida, principalmente, pela revista *Cahiers du Cinema*, e a mudança efetivada nas concepções do pensamento histórico, permitindo uma abertura à incorporação de outras formas de linguagem e ampliando as mudanças iniciadas por Marc Bloch e Lucien Febvre.

Percebeu-se que a análise das imagens não poderia centrar-se somente num ponto específico e que sua complexidade permitia múltiplas possibilidades de análises, visto a imagem carregar uma ambigüidade e uma ambivalência que sugere o efeito real. Assim, colocou-se um grande problema: equacionar a impressão que temos no momento da projeção (no qual somos levados pela História), e as interpretações à posteriori, que permitem uma crítica mais expressiva (ROSSINI:1999;59). O cinema não traz a verdade histórica, mas sim o verossímil, e como o referente coincide com a representação aqui está o problema para a atuação do historiador. Mas é “por trazer em si, no seu processo de feitura, o referencial de contingência no qual se gesta, que o filme pode ser utilizado como fonte histórica” (ROSSINI:1999;20).

Sendo o cinema um dos melhores propagadores de modos de vida, por ser um meio que permite a socialização de sonhos, de necessidades e de utopias e que, portanto, tem a possibilidade de intervir na história, um importante questionamento deve ser respondido pelo historiador: como ocorre a interação da obra com a sociedade e, por consequência, como a obra reconstrói a história nas suas narrativas. Dentro da análise do historiador, o filme pode ser encarado como documento primário quando analisamos a época em que foi produzido, e como documento secundário quando enfocamos sua representação do passado. Esta caracterização segue o modelo de classificação da documentação escrita da historiografia tradicional (NOVA:1996;217-234). Podemos ainda centrar a análise realizando uma descrição orgânica que enfoca os objetos e o meio independentes do enquadramento realizado pela câmera e uma descrição cristalina que visa mostrar o que não está sendo exposto. Podemos, portanto, pensar uma classificação entre cinema e história em três eixos: o cinema na história e seus reflexos e influências; a história no cinema e a história do cinema.

Ao classificarmos alguns filmes como “históricos” estamos nos referindo àqueles que têm seu foco e temática num fato histórico. Podemos destrinchar essa classificação em diversos subitens (NOVA:1996; 217-234):

a) filmes de reconstrução histórica, que enfocam acontecimentos e personagens reais e que esboçam uma interpretação histórica (como exemplo Outubro de S. Eisenstein e Spartacus de S. Kubrick);

b) filmes de biografia histórica, que têm seu foco num indivíduo histórico (Napoleão de Abel Gance e Lamarca de Sergio Resende);

c) filmes de época, cujo referencial histórico tem um caráter pitoresco (Sissi de Ernst Marishka e Angélica e o rei de Borderie);

d) filmes de ficção histórica, com um sentido histórico real, mas com enredo ficcional (O nome da Rosa de Jean-Jacques Annaud e Lili Marlene de R.W. Fassbinder);

e) filmes-mito, que abordam um mito e que permitem paralelo com fenômenos históricos “reais” (El Cid de Antony Mann);

f) filmes etnográficos, que trazem interesses científicos (Nanouk, o esquimó de Flaherty);

g) filmes de adaptações literárias (Henrique V de Laurence Olivier e 1984 de Michael Readford).

Contudo, devemos levar em conta que no registro do real ou dos sonhos operado pelo cinema não há uma separação na forma como se executa esse registro. O cinema não se constitui fechado em si mesmo: ele permite o acesso a mundos diferentes, ao visível e ao não visível (FRANÇA:2002;63), aos silêncios da história que também são história (FERRO:1989;2). Por isso, a análise do historiador deve abordar todos os diferentes ângulos para que ele não fique preso somente a uma análise estético-formal (caracterizando uma crítica interna) ou uma análise histórico-social (uma crítica externa). Cabe ao historiador perceber como a câmera penetra no real e como o modifica, procurando alterar a maneira como construímos e moldamos nosso olhar, para que o historiador possa executar um movimento de aproximação com as fontes, captando o máximo de sua essência e mantendo o necessário afastamento para não nos imbricarmos com elas. Essa tensão entre observador e observado deve ser mantida permitindo ao filme tornar-se disponível e dominado (CASSETTI;DI CHIO:1996;21).

Por isso, cada filme deve ser analisado dentro de sua estrutura, a ser delimitada:

Em conformidade com sua natureza, efetuar seus próprios movimentos de pensamento. Para este périplo é imperativo dispor de várias cartas, ou seja, instrumentos trazidos de

disciplinas diversas, para que se possa superpô-las, saltar de uma a outra, estabelecer as passagens, as trocas e as transposições [...] A descoberta de tais signos depende das questões postas às obras, cada obra necessitando de questões particulares (LEUTRAT apud MORETTIN:2003;39).

Portanto, há diversos procedimentos a serem empregados na análise fílmicos. Um deles é a análise didática, que desmonta e reconstrói o objeto, desvelando sua mecânica. Um outro, é a análise teórica, que aborda o filme como um objeto concreto e um evento. Essas diversas pontuações devem ser referidas para a construção de um nexos dinâmico que construa um processo de inteligibilidade histórico. O filme deve ser dissecado, decomposto em seus elementos internos (espaço, tempo, músicas, ações e valores figurativos) e externos (mídia, fatores econômicos e sociais, elementos políticos), sem esquecer suas imbricações e influências. Depois, opera-se uma recomposição e um ordenamento para chegarmos a uma modelação que satisfaça e proporcione uma adequada chave de leitura. Assim, em primeiro lugar, para o historiador, não cabe descartar um ou outro filme, pois se deve partir do princípio de que todo filme é histórico, constituindo-se em um documento que pode ser analisado de alguma forma.

O segundo ponto a se destacar é que a utilização do cinema em uma aula de história permite estabelecer uma discussão teórica que proporciona o desenvolvimento de um aparato conceitual que estabelece um diálogo com o presente e suas diferentes formas de construir e analisar o passado. As questões teóricas não ficam apenas diluídas ao longo do ano letivo (desconectadas do conteúdo), nem restritas às primeiras aulas, mas presentes em toda a análise em que o uso do filme esteja envolvido e no retorno ao mesmo durante o desenvolvimento das aulas (SEFFNER:2000;257-288).

Na sua utilização como recurso didático um problema que se coloca consiste em que o cinema pode manipular o tempo e o espaço de forma ampla, e esses elementos influem na eficácia da mensagem política e ideológica a que o filme se propõe. Torna-se historicamente relevante apontar o tempo real (ou imaginativo) da história do filme, mas explicar o porquê do uso dessa concepção de tempo. Também é necessário apontar o eixo e o enfoque dos sujeitos e de sua atuação, a dinâmica e uso da câmera, etc. É preciso mostrar como o filme se interliga com seu contexto de produção, como sua estética se relaciona com suas mensagens e a

construção de seu sentido, como o que foi excluído interage, influencia e modifica o apresentado. É fundamental apontar essas escolhas bem como as não-escolhas, mostrando os diferentes caminhos possíveis, seja no contexto retratado ou naquele em que a película foi realizada. Portanto, deve-se trazer todos os questionamentos da operação historiográfica do historiador para o âmbito da dimensão do trabalho do professor em sala de aula.

Na utilização do cinema para fins pedagógicos, diferentes caminhos e possibilidades são abertos. Uma primeira verificação poderia ser feita com a aplicação de um questionário que serviria de base para traçar um perfil mínimo da turma sobre sua “bagagem cinematográfica”. Sua elaboração incluiria filmes produzidos em diferentes países e períodos, bem como de diferentes culturas. Também seria analisada a familiarização do aluno com a utilização do cinema na sala de aula e suas opiniões sobre este recurso. Outro ponto seria aferir qual a frequência com que o aluno assiste a filmes, seja no cinema ou em sua casa, estendendo uma análise socioeconômica que permita auxiliar o planejamento do professor para todo o contexto e formas de trabalho. A seguir exemplificamos um modelo sugerido:

Questionário:

Quando você pensa em história do Brasil, que filme vem a sua cabeça?

---

Qual o último filme que você assistiu?

---

Qual o filme que mais te marcou?

---

Marque X para os filmes que você já assistiu, + para os que você conhece ou ouviu falar ou deixe em branco se você não assistiu nem ouviu falar:

Terra e Liberdade		Tiros em Columbine	
Dr. Fantástico		Star Wars	
Amadeus		Mestre dos Mares	
Z		Munique	
Missing		Tróia	
A história oficial		Alexandre	

O pagador de promessas		O Pianista	
Deus e o Diabo na terra do sol		Paixão de Cristo	
1492 – A conquista do paraíso		O Patriota	
El Cid		Matrix	
Adeus Lênin		Guerra dos mundos	
Amém		O senhor dos anéis	
Spartacus		O jardineiro fiel	
Herói		A múmia	
Diários de Motocicleta		O Último samurai	
Olga		Cidade de Deus	

Você possui vídeo-cassete? Sim  Não

Você possui DVD? Sim  Não

Você vai ao cinema? 1 vez por mês  1-3 vezes por mês   
 mais de 3 vezes por mês  outros

Quantos filmes você assiste por semana? 1  1-5  mais de 5   
 Outros

Você já assistiu a algum filme como atividade em sala de aula? Sim  Não

Nas aulas de História e Geografia os professores falam e usam o cinema como exemplo? Sim  Não

O que você acha do uso de filmes como meio de aprendizado na escola?

---



---

Impõe-se que, para alcançar esses objetivos, não basta somente a exibição de um filme por ano, mas que seja feito um trabalho contínuo com mais de uma exibição inseridas nas temáticas trabalhadas, sejam elas definidas pelo professor ou em consonância com os alunos. É importante elaborar uma apresentação informativa que sirva de introdução à exibição da película. Além das justificativas de sua escolha e do panorama histórico, também deve ser apresentada uma ficha técnica sobre a obra e seus realizadores. É recomendado que a exibição seja feita na íntegra, todavia, devido à longa duração de alguns filmes, o professor pode realizar uma edição selecionando os pontos convergentes com seus objetivos: este recurso, porém, não deve ser utilizado sempre, somente em algumas situações específicas. Durante a projeção é importante observar a reação dos alunos, tanto individual quanto coletiva, para executar uma leitura do impacto do filme nos espectadores.

É fundamental, depois dessas atividades, a realização de exercícios que explorem o filme assistido. Assim, deve ocorrer uma discussão que clarifique as dúvidas e aponte os elementos chave ligados ao planejamento do professor. Por fim, a execução de um trabalho de pesquisa que permita ao aluno buscar referenciais externos, possibilitando uma reflexão a fim de que ele faça uma interpretação à posteriori. É recomendável que este trabalho contemple o pedido de uma ficha técnica do filme que contenha uma sinopse, assim como uma interpretação sobre os elementos estéticos, históricos e sociológicos. Pode-se sugerir a elaboração de uma lista de outros filmes sobre a mesma temática, e que o aluno assista um desses filmes como forma de complemento às atividades realizadas (MOIX:1983;60-61).

Conclui-se que, na prática do cotidiano de uma aula de história, não se pode negar a importância do cinema e não se pode nem desconsiderar seu uso como meio didático e como forma metodológica. Diferentes abordagens e possibilidades de trabalho podem ser utilizadas, como a questão do espaço temporal e geográfico, para que os alunos desenvolvam uma capacidade analítica que possa ser expandida e utilizada com outros conteúdos e disciplinas. Isso conduz a um questionamento da atuação dos indivíduos ante a estrutura social, dentro de uma nova perspectiva de micro-história que vem sendo desenvolvida; o enfoque aos heróis, sua caracterização e questionamento; uma confrontação com a abordagem do livro didático e com as opiniões midiáticas, são exemplos que podem ser incorporados às atividades.

Enfim, permitir que o professor possa melhor atuar e compreender os códigos culturais dos alunos, mostrando seu envolvimento e interesse com sua prática de trabalho. Para possibilitar um melhor envolvimento do aluno com o todo escolar, e mostrar que a história pode ser dinâmica, mais interessante, empolgante, produtiva e mais divertida, como preferem os estudantes.

## REFERÊNCIAS

BOU, Nuria; PÉREZ, Xavier. *Cinematografía y actividades didáticas*. Desarrollo de casos concretos en geografía historia. In: ÍBER. Barcelona, n. 11, p. 25- 39, 1997.

CASSETTI, Francesco; DI CHIO, Federico. *Como analisar un film*. Barcelona: Paidós, 1996.

FERRO, Marc. *O filme: uma contra análise da sociedade?* In: Le GOFF, Jacques (org) *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. v. 3, p. 199-215.

\_\_\_\_\_. *A história Viglada*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FRANÇA, Andréa. *Paisagens fronteiriças do cinema contemporâneo*. In: Alceu. São Paulo, v.2, n. 4, p. 61-75, 2002.

GARCIA, Martinez Pilar. *El cine musical y su interdisciplinariedad con las ciencias sociales*. In: ÍBER. Barcelona, n 11, p. 53-70, 1997.

GURREIRO, Eduardo. *Cinema: entre mito e a realidade*. Disponível em <http://www.geocities.com/hollywood/cinema/4680/cinemaentreomitoearealidade.html> > Acesso em: 10 dez 2006.

MOIX, Miguel Porter I. El cine como material para la enseñanza de la historia. In: RIAMBAU, Esteve; ROMAGUERA, Joaquim. (ed). *La História y el Cine Barcelona*: Fontamara, 1983. p. 48 – 64.

MORETTIN, Eduardo Victorio. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. In: *História Questões & Debates*. Curitiba, ano 20, n 38, p. 11-42, 2003

MUNAKATA, Kazumi. Indagações sobre a história ensinada. In: GUAZZELLI, César Augusto Barccellos et al. *Questões de teoria e metodologia da história*. Porto Alegre, Ed. UFRGS. 2000. p. 303-313.

NOVA, Cristiane. O cinema e o conhecimento da história. In: *O Olho da história*. Salvador, n. 3, p. 217-234, 1996.

OLIVEIRA, Henrique. Limites e possibilidades da narrativa histórica audiovisual e o ensino da história. In: *O Olho da História*. Salvador, n. 5, p. 117-125, 1998.

ROSSINI, Miriam de Souza. *As marcas do passado: o filme histórico como efeito de real*. Porto Alegre: UFRGS, 1999. 409 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

SEFFNER, Fernando. Teoria, metodologia e ensino de História. In: GUAZZELLI, César Augusto Barccellos et al. *Questões de teoria e metodologia da História*. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2000. p. 257-288.